

À MARGEM. Abrigo público não é suficiente para atender à demanda

Quase mil pessoas vivem nas ruas de Maceió

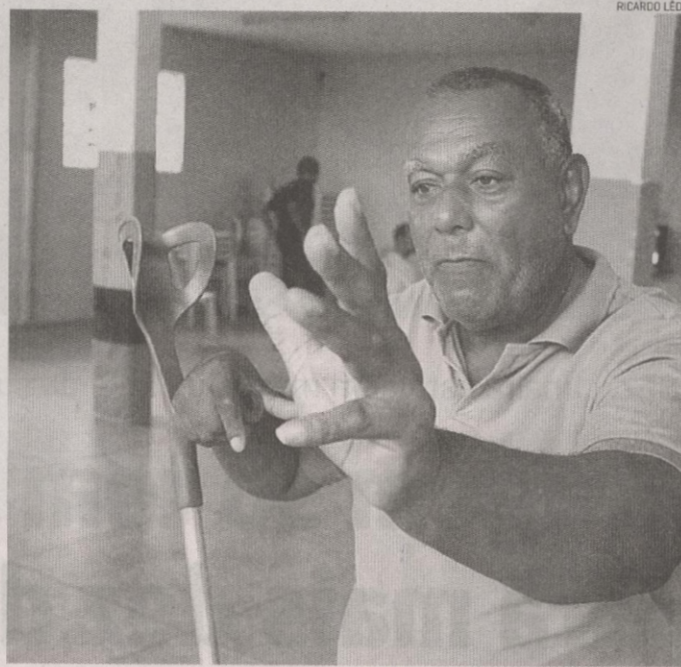
Pesquisa aponta que número de famílias nessa situação cresceu

ROSANA COSTA
REPÓRTER

Embora o último levantamento feito pela equipe de abordagem da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) tenha contabilizado cerca de 650 pessoas vivendo em situação de rua em Maceió, estima-se que, atualmente, esse número esteja próximo de mil. Segundo a coordenadora-geral de Acolhimento Institucional, Eunice Novaes, muitas dessas pessoas não estão em situação permanente nas ruas, porque passam boa parte do dia em algum ponto da cidade ou mesmo o fim de semana inteiro, mas depois retornam para suas casas.

De acordo com a coordenadora, nos períodos festivos e nas férias escolares, esse número aumenta ainda mais, pela concentração de turistas e de pessoas que dão algum tipo de contribuição e ajudam a manter essas pessoas nas ruas. "Os fatores que levam esse público às ruas são inúmeros, mas os principais ainda são o álcool, a dependência química e o desemprego".

Ela alerta ainda para o trabalho de conscientização dessas pessoas. "Nosso desafio com as políti-



Seu Pedro é viúvo, pai de quatro filhos, mas não possui contato com a família; sem ter para onde ir, está há quatro meses no albergue público de Maceió

cas públicas é desconstruir esse valor de que a rua é uma alternativa de lugar para viver. Precisamos mostrar que se a criança cresce na rua, ela vai constituir família na rua achando que isso é normal. A rua se tornou algo rentável", declarou. A partir disso, está sendo trabalhado pela secretaria a campanha "Promova a cidadania, não dê esmola".

A Casa de Passagem Professor Manoel Coelho Neto, único albergue público da capital, está localizada no bairro do Poço e é mantida pela Semas. Acomoda até 50 pessoas e abrigava, na última quinta-feira (29), 46. Lá, elas têm direito à alimenta-

ção, dormida, participam de atividades pedagógicas e são inseridas em programas sociais. "Durante as abordagens, buscamos as primeiras informações sobre o que levou o indivíduo a ficar nessa situação e de que maneira ele pode ser ajudado, para que sejam feitos encaminhamentos. Quando as pessoas não possuem documentação, por exemplo, nós providenciamos".

O número de pessoas do sexo masculino ainda é maior, mas, nos últimos levantamentos, muitos grupos familiares foram encontrados. Com base nisso, um novo abrigo, que seria a Casa de Passagem Familiar, está sen-

do montado, com o objetivo de abrigar esses grupos. A casa deve ser inaugurada ainda neste semestre, segundo informou Eunice, já que o único albergue público não comporta crianças, apenas adultos.

Seu Pedro é viúvo, pai de quatro filhos e está no albergue público há quase quatro meses. Ele contou que há cerca de um ano saiu de uma companhia naval, onde trabalhava, em Vitória da Conquista, e teve todos os pertences levados. Foi quando veio parar em Alagoas. Ele aguarda a liberação dos documentos para tentar dar continuidade à sua vida e não possui nenhum contato com a família.

Família faz calçadas de moradia

Na orla da Ponta Verde, contrastando com o cenário que ostenta riquezas e belezas, enquanto pessoas fazem suas caminhadas e seguem suas rotinas, Jorge perambula entre um barco e outro. Sem uma casa para morar, ele faz do céu o seu teto. Exceto quando chove, pois é quando amarra um plástico nas embarcações e tenta se proteger como pode.

Jorge Bulhões tem 52 anos e, deitado sobre um tapete que faz de cama, contou que é natural de Penedo. Ele disse que saiu de lá muito jovem, tem seis filhos, mas não tem contato com nenhum deles. "Já trabalhei muito nessa vida. Um dia, em Arapiraca, sofri um acidente de trabalho e quebrei a perna esquerda, fiquei de benefício e agora vivo aqui. Antes, na época do Cruzeiro, era mais fácil para administrar as coisas, mas hoje é tudo mais caro, não dá para pagar nada", disse ele, que é catador de latinhas e, nos fins de semana, ajuda uma pessoa a comercializar produtos na praia.

Cinco e meia da manhã, Jorge está de pé. Ali mesmo, na praia, ele toma seu banho e lava suas poucas roupas. Com o pouco dinheiro que ganha, cerca de 50,00 reais por fim de semana, compra feijão e arroz para comer. Onde cozinha? "Ali", disse o morador de rua, apontando para a areia, onde estão carvão e uma panela. "Dá para passar", disse.

Não muito distante dali, na Avenida João Davino, rua bastante movimentada e que conta com muitos pontos comerciais, vive

Roberto José da Silva, 29 anos, juntamente com sua esposa e duas crianças.

Durante o dia, Roberto e sua esposa Fernanda, 28 anos, que está à espera de mais um filho do casal, ficam em um semáforo, limpando os parabrisas dos carros, enquanto os dois gêmeos fazem malabares em troca de algumas moedas. "Não é todo dia, mas a gente consegue entre 20,00 e 50,00 reais".

Durante o período noturno, a família se reúne na lateral de uma farmácia, local escolhido por ter grande circulação de pessoas, e fica por algumas horas, até se deslocar para perto de uma pousada, na mesma rua, onde passa a noite. Ele, que também cata "cacarecos", contou que morava em uma casa e trabalhava em um lava a jato, mas depois da morte de sua mãe resolveu ir para a rua. "Minha mãe morava na rua e eu a levei para morar comigo, até que um dia ela foi assassinada, há quatro anos, e eu, por medo, deixei minha casa e vivo assim", disse ele, que tem dois irmãos, mas não possui contato com nenhum deles.

"Não é fácil, mas a gente entrega na mão daquele lá de cima e, se um não dá, depois aparece alguém que ajude", disse, com os olhos marejados, ao informar que já passaram por muitas dificuldades. Segundo ele, na semana passada, enquanto dormia e os dois meninos brincavam, um carro se aproximou e uns homens efetuaram alguns disparos de arma de fogo contra eles. Por pouco as crianças não foram atingidas.



Roberto José vive com a mulher, que está grávida, e mais dois filhos, sob pontos comerciais na Avenida João Davino: "Não é fácil, mas a gente entrega na mão daquele lá de cima"

PESQUISA

Em 2013, a situação preocupante das pessoas em situação de rua motivou o Núcleo Temático de Assistência Social (Nutas), da Universidade Federal de Alagoas, a desenvolver uma pesquisa denominada "Mapeamento das localidades e contagem da população que dorme nas ruas na cidade de Maceió", coordenada pela professora Maria Betânia Buarque, da Faculdade de Serviço Social (FSSO), que durante uma noite, em vários bairros da capital, conta-

bilizou 197 pessoas nessa condição.

O mapeamento percorreu os bairros do Poço, Jaraguá, Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca, Cruz das Almas, Centro, Cambona, Barro Duro, Serraria, Benedito Bentes e Tabuleiro do Martins, em locais como calçadas, praças, pontos de ônibus, lojas comerciais e outras localidades. Já naquela época, o resultado apresentou que seria necessário a instalação de pelo menos mais quatro albergues para abrigar tamanha demanda. **RC**